

ALTERIDADE E CONHECIMENTO: o outro no campo da educação a partir do pensamento de Paulo Freire

Betania MACIEL¹

“Tolerar a existência do outro,

*E permitir que ele seja diferente,
Ainda é muito pouco.*

*Quando se tolera,
Apenas se concede
E essa não é uma relação de igualdade,
Mas de superioridade de um sobre o outro.*

*Deveríamos criar uma relação entre as pessoas,
Da qual estivessem excluídas
A tolerância e a intolerância.”
(José Saramago)*

Resumo

Meu objetivo neste texto é explorar aqui, uma perspectiva sobre as ideias de Paulo Freire em relação à alteridade, à percepção do outro: avaliar o outro tomado como representação, que redundaria que o outro nada mais é do que o mesmo e o outro tomado enquanto tal, por si mesmo – o que significa pensar o outro como diferença. A partir deste pressuposto, propor questões sobre como tematizamos o outro no campo da educação e também no olhar da Folkcomunicação.

Palavras-chave: alteridade; comunicação; Paulo Freire, Folkcomunicação.

Considerando as ideias de Laing (1986, p.78), “não podemos fazer o relato fiel de “uma pessoa” sem falar do seu relacionamento com os outros.” A relação do indivíduo com outros indivíduos identidade, ou seja, um indivíduo se completa e se efetiva no relacionamento com os que estão em seu entorno, em seu dia a dia.

1 Doutora em Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista de São Paulo-UMESP; Professora da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA e Pesquisadora do núcleo de Pesquisa, Ensino e Monitoria GEIA/ESUDA. Email: betaniamaciel@gmail.com

Assim o Eu se constrói, na relação entre o EU e o OUTRO.

“A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referenciarão, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros estes que podem ser imaginários” (GUATARRI & ROLNIK, 1986: p.68).

Tratamos de indivíduos que participam do contexto social. Na relação entre os indivíduos há uma estrutura econômica que interage e influencia a efetivação da identidade. Parece-nos que Guattari, ao deslocar o foco da sua análise para a micropolítica, consegue, a exemplo de Foucault, oferece uma contribuição importante para a compreensão das relações entre os indivíduos e as estruturas socioeconômicas.

A leitura de Paulo Freire quando dirigida aos estudiosos da comunicação ou às pessoas que se interessam em aprofundar o pensamento do autor e a alteridade que se encontra em sua prática, que tanto contribui com a utilização de um método, que parte da prática de vitórias e derrotas em que se aprende com a própria vida.

As ideias de Paulo Freire vão ganhando radicalidade alimentada pelos quadros de referência da literatura marxista tão presentes em *Pedagogia do Oprimido* e que foram incorporadas ao pensamento. Para se ter uma idéia, neste livro, a bibliografia passou a incorporar Hegel, Marx, Engels, Lênin, Fromm, Sartre, Marcuse, Fanon, Memmi, Lukács, Debray, Freyer, Kosik, Goldmann e Althusser, além de Mao-Tsé-Tung, Fidel Castro, Ernesto Guevara e Camilo Torres (1977).

O pensamento de Paulo Freire é sem dúvida alguma de um educador humanista e militante, a educação vista como parte de um contexto concreto para responder as necessidades do cidadão. O livro que nos mostra de forma clara o seu pensamento: “Educação como prática da liberdade”, nele o autor procura mostrar que nas sociedades em trânsito, o papel da educação do ponto de vista do oprimido, a possibilidade da construção de uma sociedade democrática ou melhor uma “sociedade aberta”.

Paulo Freire mantém a linha de raciocínio, sempre enfatizando os fatores que exprimem uma concepção pedagógica libertária. Assim podemos observar como os camponeses aprimoraram o senso coletivo de vida e trabalho, *aprendendo uns com os outros*. Todos eram alunos e professores, e aprendiam ao mesmo tempo os segredos do cultivo da terra, aprendiam e ensinavam. O receio que estes colonos poderiam conquistar a autossuficiência e na elevação aperfeiçoamento educacional e autoaplicação dos princípios de humanidade no cotidiano de suas vidas.

Visualiza o processo de desenvolvimento econômico e a superação da cultura colonial nessas sociedades. No seu pensamento essas sociedades não podem ser construídas pela elite por lhe faltarem bases para reconhecer as necessidades de uma reforma, no entanto ele entrega essas ideias às massas, a qual só através das lutas e movimentos de conscientização populares poderiam encontrar a hegemonia, operando as mudanças.

Nesse processo de conscientização é que se encontra a educação e a comunicação como forma de emancipação das classes oprimidas. A educação através de um método de alfabetização de adultos proposto pelo educador nos anos 60 durante sua atividade no “Movimento de Cultura Popular do Recife”.

Tem a vantagem de ser fácil e simples. Celso Beisiegel diz Freire “tinha a intenção de adequar o processo educativo as características do meio”, o que não significa uma novidade em termos pedagógicos, mas cuja importância reside na descoberta do “modo de realizar essa associação, necessariamente, como característica intrínseca do processo educativo”, Paulo Freire adota como fundamento a relação entre o processo educativo e o meio social de quem aprende a ler e escrever. Com isso, a alfabetização no Brasil passa a ser vista de outra perspectiva. Como considera o contexto da aprendizagem, dispensa, na prática, as cartilhas de massa.

A Sociedade do Conhecimento substitui a sociedade que herdamos da revolução

industrial e assim estrutura uma sociedade na qual o saber, que já avançou há décadas, converte o trabalhador a não somente um motor para o mundo econômico, mas também a um capital para este mundo. Na atualidade, nestas mudanças sócias, de bits, neurônios, redes que tomaram os lugares das chaminés, especialmente nas grandes capitais e núcleos urbanos, onde se concentra parte da população ativamente produtiva, também se encontram os que não se incluem neste ambiente, por diversas razões, principalmente a falta de políticas públicas que foque a participação dentro do processo de desenvolvimento através da educação.

Na perspectiva epistemológica de Bakunin (2003), está presente a dialética e o materialismo, pois as teorias científicas são produzidas pela dialética experiência-síntese-hipótese-novas experiências. E a experiência é a experiência coletiva, pois é impossível para um indivíduo apreender toda a complexidade e dinamismo da natureza e da sociedade.

Portanto, somente recorrendo ao trabalho coletivo contemporâneo e do passado daqueles que se dedicaram à investigação científica é possível, dentro dos limites da própria ciência, desenvolver interpretações válidas sobre a dinâmica e sobre as estruturas das sociedades.

A comunicação dialógica como forma de manter a consciência transitiva crítica, entendendo-a como a consciência articulada com a práxis. Para ele, para se chegar essa consciência, que é ao mesmo tempo desafiadora e transformadora, são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a convivência. Aí se encontra a chave para entender o pensamento comunicacional de Paulo Freire, ou seja, o diálogo proposto pelas elites é vertical, forma educando massa, impossibilitando-o de se manifestar.

Nesse suposto diálogo, ao educando cabe apenas escutar e obedecer. Para passar da consciência ingênua à consciência crítica, é necessário um grande

percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, hospedagem essa que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua autoafirmação enquanto indivíduo.

A construção da Sociedade do Conhecimento apresenta um salto qualitativo à sociedade da informação. A sociedade da informação considera o cidadão como sujeitos receptores, e por isto em boa parte.

O diálogo faz parte dessa nossa pedagogia dialógico dialética, que hoje começa a desabrochar na educação em todo o mundo, renovando a prática pedagógica e dando-lhe um sentido moderno e progressista. A partir da tese sobre a relação entre a educação e o processo de humanização, Paulo Freire caracteriza duas concepções opostas de educação: a concepção “bancária” e a concepção “problematizadora”.

Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos, os que escutam docilmente; o educador é que prescreve sua opção e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que se antagoniza com a liberdade dos educandos, pois os educandos devem se adaptar à determinações do educador; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos.

Na concepção bancária, predominam relações narradoras, dissertadoras. A educação torna-se um ato de depositar (como nos bancos); o “saber” é uma doação, dos que se julgam sábios, aos que nada sabem.

A educação bancária tem por finalidade manter a divisão entre os que sabem e os

que não sabem, entre oprimidos e opressores. Ela nega a dialogicidade, ao passo que a educação problematizadora (método da problematização) funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando: ambos aprendem juntos.

O diálogo é, portanto, uma exigência existencial, que possibilita a educação e permite ultrapassar o imediatamente vivido. Ultrapassando suas “situações-limites”, o educador-educando chega a uma visão totalizante do contexto. Isso deve ocorrer desde a elaboração do programa, dos temas geradores, da apreensão das contradições até a última etapa do desenvolvimento de cada estudo.

Para pôr em prática o diálogo, o educador não pode se colocar na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber.

Num diálogo com Sérgio Guimarães (1991, p. 69), Paulo Freire refere-se à categoria diálogo não apenas como método, mas como estratégia para respeitar o saber do aluno que chega à escola, lembrando um fato que ocorreu com ele na periferia de Belo Horizonte, numa comunidade eclesial de base, quando a Secretaria de Educação do Estado ali realizava uma ampla consulta chamada Congresso Mineiro de Educação.

Nunca nos perguntam sobre o que queremos aprender. Pelo contrário, sempre dizem o que a gente deve estudar”, afirmou um dos presentes. E Paulo retrucou: O que é estudar?” o adolescente que havia falado respondeu: “Em primeiro lugar, não se estuda só na escola, mas no dia a dia da gente. “Dois homens”, continuou, “iam numa camioneta carregando frutas. De repente se defrontaram com um atoleiro. O que dirigia parou a camioneta. Desceram os dois. Tentaram conhecer

melhor a situação. Atravessaram o atoleiro pisando de leve o chão sob a lama”.

Depois discutiram um pouco. Juntaram pedaços de galhos secos e pedras com os quais forraram o chão. Finalmente atravessaram sem dificuldade o atoleiro. Aqueles homens estudaram”, disse ele. Estudar é isso também. A partir dessa fala, outros participantes criticaram a escola por não chamar a atenção para os direitos dos trabalhadores. O importante, concluiu Paulo Freire, é a comprovação de que os alunos, quando chegam à escola, também tem o que dizer, e não apenas o que escutar.

Lino Macedo, professor de Psicologia da USP, diz “a grande sacada do método de Paulo Freire é a partir do fator que impediu o sujeito de ser alfabetizado e não mais somente do nível técnico de conhecimento dele”. Especificamente o método parte de uma pesquisa do universo vocabular do grupo da alfabetizando para selecionar situações-problema que servem de instrumento de discussão da realidade.

Trazendo assim para a realidade do homem, a liberdade não como um fato dado, mas uma conquista, uma aquisição. A liberdade é uma conquista que se dá por dois meios: o trabalho e o pensamento, a ação e o saber.

Segundo Bakunin (2003), o homem chega à consciência de sua liberdade nesse meio natural do qual é produto, mas somente através do trabalho que isso se realiza. Observamos que a atividade que constitui o trabalho

Es únicamente por el pensamiento por lo que el hombre llega a la conciencia de su libertad en ese medio natural de que es producto; pero es sólo el trabajo que la realiza. Hemos observado que la actividad que constituye el trabajo, es decir, la obra tan lenta de la transformación de la superficie de nuestro globo por la fuerza física de cada ser vivo, conforme a las necesidades de cada uno, se encuentra más o menos desarrollada en todos los grados de la vida orgánica. Pero no comienza a constituir el trabajo propiamente humano más que cuando, dirigida por la inteligencia del hombre y por su voluntad reflexiva, sirve a la satisfacción, no sólo de las

necesidades fijas y fatalmente circunscritas de la vida exclusivamente animal, sino aun de las del ser pensante, que conquista su humanidad afirmando y realizando su libertad en el mundo. (BAKUNIN, 2003, p.36).

En el fondo, los puntos cardinales de la existencia humana más retirada y de la existencia animal menos despierta, son y quedarán siempre idénticos: nacer, desarrollarse y crecer, trabajar para comer y beber, después abrigarse y defenderse, mantener su existencia individual en el equilibrio social de su propia especie, amar, reproducirse, después morir ...A estos puntos se añade, para el hombre, sólo uno nuevo: pensar y conocer, facultad y necesidad que se encuentra sin duda en su grado inferior, pero ya muy sensible, en las especies de animales que por su organización son más próximas al hombre, porque parece que en la naturaleza no hay diferencias cualitativas absolutas, y que las diferencias de cualidad se reducen, siempre en último análisis, a diferencias de cantidad, pero que en el hombre sólo llegan a un grado de poder de tal manera imperativo y predominante, que a la larga transforman toda su vida. Como lo observó muy bien uno de los más grandes pensadores de nuestros días, Ludwig Feuerbach, el hombre hace todo lo que hacen los animales, sólo que debe hacerlo más y más humanamente. Esa es toda la diferencia, pero es enorme (1). Contiene toda la civilización con todas las maravillas de la industria, de la ciencia y de las artes; con todos los desenvolvimientos estéticos, religiosos, filosóficos, políticos, económicos y sociales de la humanidad, en una palabra todo el mundo de la historia. El hombre crea ese mundo histórico por el poder de una actividad que volvereis a encontrar en todos los seres vivos, que contituye el fondo mismo de toda vida orgánica, y que tiende a asimilarse y a transformar el mundo exterior según las necesidades de cada uno, actividad por consiguiente instintiva y fatal, anterior a todo pensamiento, pero que, iluminada por la razón del hombre y determinada por su voluntad reflexiva, se transforma en él y por él, en trabajo inteligente y libre” (BAKUNIN, 2003, p.35).

A liberdade e a prática da cidadania, a partir da inclusão na sociedade, tomando conhecimento de seu papel, impulsiona o espírito crítico e sobretudo o desenvolvimento da capacidade de disseminação para poder estar em condições de escolher. Saber eleger, sem dúvida, é a chave que define a sociedade do conhecimento.

Richard V. Knight (1989), economista de grande influência em desenvolvimento da economia baseada no conhecimento, conclui que o desenvolvimento baseado em conhecimento necessita de certas condições indispensáveis. Entre elas, que o

conhecimento seja definido e percebido como uma forma de riqueza, que a natureza e papel dos recursos de conhecimento sejam compreendidos e assimilados pelo público em geral, aceitos como um valor universal e individual que a sociedade em seu conjunto incentive as atividades ricas em conhecimento e impulsione as pessoas para buscar sua independência.

Neste contexto, é antes de tudo uma interlocução entre os diversos atores sociais sejam eles possuidores da mesma identidade sociocultural, de cientista para cientista e/ou jornalistas, como também de identidades diferentes representadas pela sociedade em geral. E neste sentido, a educação torna-se fundamental neste processo de interlocução entre os indivíduos. Pois, a educação é considerada como um processo em que resultam nos sujeitos educativos a conscientização crítica do conhecimento, provocando mudanças nas atitudes, interesses, valores e no modo de perceber o mundo. Podemos considerar que a educação cumpre o seu papel social quando ela é capaz de formar cidadãos aptos a tomar decisões e a fazer escolhas bem informadas acerca de todos os aspectos da vida em sociedade. Sejam, eles sobre as questões políticas, sociais, ambientais e/ou econômicas.

Diante este cenário, nos últimos anos, as pesquisas relativas ao acesso à ciência e tecnologia têm sido incorporadas na pauta de estudos, enquanto espaço de formação intelectual e social em todos os contextos.

Hoje nos encontramos submetidos a um fenômeno que definiria como uma perda de identidade. A demanda de meios de comunicação, audiovisuais, telefonia móvel têm atravessado a vida de todas as pessoas nesta sociedade marcada pela mídia. Faz-se necessário expandir ainda mais o acesso das pessoas neste universo e a partir da identificação do outro como um ser que detém conhecimento e tem participado da construção da realidade social, é de fundamental importância que possua convicção e que estas novas formas de inclusão seja apresentada de forma a incluir toda sociedade.

Assim, Lopes (2010) descreve que o conhecimento é uma construção social, e que esse artefato é demarcado historicamente por desníveis de classe, por uma sociedade capitalista. Nos termos, Boaventura (2009), afirma que “se quisermos uma revolução verdadeiramente pós-capitalista, não imagino que isso seja possível sem termos um Estado que seja efetivamente democrático e popular”. Então, se exige um esforço concentrado por atores sociais para que o conhecimento científico seja consumido com prazer, como diz Daz-Caicedo (2011).

Enfrentar os desafios, alguns aspectos expostos aqui. É necessário apresentar uma nova forma de participação, de democracia. É condição fundamental para a redefinição das relações entre o saber e o poder, que somente através do conhecimento e responsabilidade de todos seremos capazes de tomar decisões e irmos adiante na busca da integração entre os vários níveis de atores sociais.

REFERÊNCIAS

BAKUNIN, M. **Textos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

DAZA-CAICEDO, Sandra. Imagen de la ciencia y la tecnología entre los estudiantes iberoamericanos. In: **Los estudiantes y la ciencia: encuesta a jóvenes iberoamericanos** / compilado por Carmelo Polino. Buenos Aires : Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2011. 286 p.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____ **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974

_____ **Educación para el cambio social**. Buenos Aires, Tierra Nueva, 1974.

_____ **Essa escola chamada vida**. São Paulo, Ática, 1985. Em co-

autoria com
Frei Betto.

KNIGHT, Richard V. **Cities in a Global Society**. SAGE Publications, Inc, 1989.

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e Cultura**: as ideias de Paulo Freire. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação**. 1 0.ed. – São Paulo: Loyola, 2010.

MELO, José Marques de. **A comunicação na pedagogia de Paulo Freire**. In: Comunicação e Libertação. Petrópolis, Vozes, 1981. p. 23-51.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre a ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Entrevista A hora dos movimentos sociais. **Revista Forum**. n. 70. a. 8. Jan 2009.